

FEIRA AGROECOLÓGICA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO - POLÍTICO: ARTICULAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECONOMIA CRIATIVA

Flávia Tostes ¹
Mateus Gonzaga Castro Penha ²
Andriele Mendes Borba ³
Yana dos Santos Moysés ⁴

RESUMO

O contexto de crise sistêmica atual torna latente a necessidade de (re)pensarmos formas de produções locais mais criativas e solidárias, tendo como base princípios agroecológicos, os quais se baseiam em formas de produção/consumo mais plural, diversa, saudável, sustentável, justa e democrática que fazem girar a economia local e proporcionam garantias à segurança e soberania alimentar. Para tanto, é fundamental trazer a temática para dentro do(s) próprio(s) espaço(s) acadêmico(s), a partir da construção de artefatos de aprendizagem voltados à agroecologia. Nesse sentido, o objetivo geral desse trabalho é analisar os aprendizados do projeto que está sendo implementado na Fundação Darcy Vargas (FDV) localizada na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, titulado “Introdução da feira agroecológica como instrumento pedagógico-político: articulação entre a educação ambiental e economia criativa”. O projeto proposto conta com diversas atividades que estão sendo realizadas com os alunos do sexto e do nono período do ensino fundamental durante o ano letivo de 2022 na FDV: apresentação de filmes, aplicação de jogos educativos, visita à museus, aulas na cozinha, oficinas experimentais, produção de mapas de justiça ambiental, entre outras, culminando na elaboração, organização e apresentação de um projeto de feira agroecológica para FDV pelos próprios alunos da instituição. Espera-se que o projeto possa contribuir na formação de sujeitos críticos capazes de pensarem ações mais sustentáveis, saudáveis e justas para os seus próprios territórios e na criação de espaços que fortaleçam produções locais criativas e solidárias.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Feira Agroecológica; Economia Criativa.

INTRODUÇÃO

O processo de formação dos sujeitos perpassa pela incorporação de saberes. Esses saberes podem ser tanto formais, ligados às práticas escolares, das mídias, de cursos e das universidades, como não formais ou sociais, que segundo Grymbowski (1996), são saberes que brotam do convívio com a família, das práticas culturais coletivas e individuais, como as festividades, a religiosidade, o lazer, o plantio, os gestos, ou seja, das práticas cotidianas.

¹ Mestranda em População, Território e Estatísticas Públicas (ENCE/IBGE). Laboratório de Agroecologia, Sustentabilidade e Justiça Ambiental (Celso Lisboa), tostes_flavia@hotmail.com;

² Graduando de Engenharia de Produção (Celso Lisboa). Laboratório de Agroecologia, Sustentabilidade e Justiça Ambiental (Celso Lisboa), mateusgonzaga84@gmail.com;

³ Graduanda de Engenharia Civil (Celso Lisboa). Laboratório de Agroecologia, Sustentabilidade e Justiça Ambiental (Celso Lisboa), andrielebor@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Doutora em Geografia (UFF), Professora da Escola de Engenharia da Celso Lisboa. Laboratório de Agroecologia, Sustentabilidade e Justiça Ambiental (Celso Lisboa), yanasmoyeses@hotmail.com.

As instituições acadêmicas, nesse sentido, devem atuar para além das matrizes pedagógicas clássicas, ou seja, como um local de emancipação do conhecimento e fomentação das trocas de saberes.

Por outro lado, compreende-se que o modelo de agricultura privilegiado em uma sociedade reflete as próprias relações existentes entre a sociedade-natureza, o que inclui fundamentalmente as relações de um homem com o outro. Entende-se que quanto mais próximas forem as relações *terra-alimento-produtor-consumidor*, mais saudável, mais sustentável e mais justa é uma sociedade.

Neste sentido, é fundamental trazer a temática da agroecologia para dentro do(s) próprio(s) espaço(s) acadêmico(s), a partir da construção de artefatos de aprendizagem.a.

Acredita-se que agroecologia possa ser utilizada como ferramenta da educação ambiental, e com isso, ser utilizada como um instrumento político-pedagógico, também de resistência, no sentido de (re)pensarem ações mais sustentáveis e justas, a partir de uma visão inter-transdisciplinar, não dicotômica sociedade-natureza (Leff, 2001).

Partindo dessa premissa que o trabalho proposto foi construído e tem como objetivo geral analisar os aprendizados do projeto que está sendo implementado na Fundação Darcy Vargas (FDV) localizada na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, titulado “Introdução da feira agroecológica como instrumento pedagógico-político: articulação entre a educação ambiental e economia criativa”.

METODOLOGIA

Durante o ano letivo de 2022 estão sendo realizadas diversas atividades na Fundação Darcy Vargas, as quais resultarão na organização e apresentação de um projeto de feira agroecológica pelos próprios alunos da FDV.

O projeto está sendo conduzido a partir da aplicação de diferentes artefatos de aprendizagem na disciplina de Laboratório Multidisciplinar. Sendo ministradas aulas para os alunos do sexto e nono ano do fundamental.

Esse projeto possui duas fases, sendo a primeira de cunho mais teórico , na qual os alunos aprendem todo o conceito que envolve a agroecologia, construindo uma relação entre os alunos de pertencimento aos processos agroecológicos, a partir de um diálogo interdisciplinar para tornar mais comum o entendimento dos aspectos ambientais, sociais e econômicos, e a segunda fase de cunho mais prático, na qual acontecem encontros das turmas com produtores,

afim de ampliar os saberes agroecológicos e torná-los sujeitos críticos capazes de desenvolverem ações mais sustentáveis e justas para os seus próprios territórios de vida.

Dentre as atividades realizadas, incluem: apresentação de filmes editados sobre a agroecologia, aplicação de jogos educativos, trabalhos de campo na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, como no Instituto Pretos Novos (IPN), elaboração de mapas de racismo e justiça ambiental a fim de identificar os conhecimentos dos alunos a respeito dos espaços que ocupam, oficinas experimentais, planejamento e organização de uma feira agroecológica tendo os próprios alunos como protagonistas. Essas atividades estão articuladas com as aulas de Geografia, História, Ciências, Matemática e Empreendedorismo e têm diferentes objetivos ao longo do processo, desde relacionados à compreensão de conceitos básicos até a instrumentalização dos alunos para elaboração e organização de todos os aspectos da feira agroecológica.

Após o fim da feira, teremos um momento de coleta de dados, onde faremos uma roda de conversa com toda comunidade escolar e todos os envolvidos na implementação da feira, seja de forma direta ou indireta, a fim de debatermos sobre os aprendizados adquiridos e qual foi impacto causado no território da escola.

REFERENCIAL TEÓRICO

A separação sociedade/natureza é uma característica marcante do pensamento que tem dominado o chamado mundo ocidental, o mundo moderno-colonial. Ao afirmamos essa separação, podemos observar uma construção linear de saberes que se restringem a um determinado território (eurocêntrico). Ter isso em mente é importante não só para compreender o processo passado, mas, sobretudo, para compreender o presente. Isto porque o movimento ambiental tem colocado em questão o conceito de natureza que vigora, perpassando pelo sentir, pensar, agir da sociedade, questionando o modo de ser, produzir, consumir e viver em sociedade (Leff, 2001; Porto-Gonçalves, 2018; Mignolo, 2017).

Como colocado por Rachel Carson no seu livro *Primavera Silenciosa* (1986), devemos buscar métodos não destrutivos da natureza, considerando todo o conhecimento científico que se tem sobre o que ocorreu no passado. Apesar de todas essas abordagens novas, devemos ter a consciência de que estamos lidando com vidas e ter cuidado com esse “controle da natureza”, pois as armas químicas, como por exemplo, contra os insetos são armas contra nós mesmos, e a Terra.

A Educação Ambiental, portanto, busca contribuir para sensibilizar os sujeitos sociais sobre seu papel como elemento central de ação e transformação nos processos socioambientais. Segundo Enrique Leff (2016), esse processo de sensibilização mobiliza a participação dos cidadãos na tomada de decisões, junto com a transformação dos métodos de pesquisa e formação, a partir de uma ótica holística e enfoques interdisciplinares e não como uma coleção de partes dissociadas.

No Brasil a educação ambiental foi regulamentada pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), instituída pela Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, que estabelece e define seus princípios básicos, incorporando oficialmente a Educação Ambiental nos sistemas de ensino.

Contudo, nas instituições acadêmicas a educação ambiental ainda não cumpre o seu papel, tanto do ponto de vista educacional (nível didático) como de seu tratamento interdisciplinar (nível epistemológico). Segundo Grynszpan (1999), a persistência de um ensino básico tradicional, abstrato e compartimentado, não tem encorajado a análise dos problemas locais. Por isso, torna-se fundamental a reflexão crítica sobre a prática, como coloca Paulo Freire (2022) “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (p.40).

A educação ambiental aliada à agroecologia, objetiva com que sejam tratados os temas transversais de maneira interdisciplinar na educação formal. Em outras palavras, propõe-se que as questões socioambientais permeiam os objetivos, conteúdos e orientações didáticas em todas as disciplinas, não passando, necessariamente, para o objetivo das aulas (ZUCCHI, 2002). O autor ainda atribui três qualidades a um tema transversal: 1) serve como linha orientadora que cada escola/docente pode adaptar à realidade local (por exemplo, zona rural e urbana); 2) é adequável ao trabalho com a faixa etária da criança; 3) é um tema emergente e urgente, cuja abordagem ultrapassa a mera transmissão de conhecimentos, inspirando os alunos a se mobilizarem, a saber, como fazer.

As questões sociais, econômicas e ambientais se transformaram num objeto de disputa política ainda maiores que no passado, sendo elaboradas por diferentes atores e discursos. Neste contexto, a racionalidade moderno-colonial de desenvolvimento trouxe a perspectiva do Desenvolvimento Sustentável⁵, que em muitas das vezes possui um “olhar” cartesiano da

⁵ Os debates, disputas políticas e teóricas entorno do chamado Desenvolvimento Sustentável é praticamente infindável e foge ao escopo desse trabalho.

natureza. Ou seja, vê a natureza apenas como um recurso (econômico), um meio para se atingir um fim (Porto-Gonçalves, 2018).

Nesse sentido, torna-se necessário que as instituições acadêmicas construam e produzam outras práticas e saberes, que propiciem que a relação sociedade-natureza reconstrua seus laços. A Agroecologia e suas relações com economia criativa e solidária se apresentam assim como poderosas ferramentas de Educação Ambiental e tornam-se elementos capazes de (re)construir laços entre os conceitos teóricos e práticos, auxiliando o processo de ensino e aprendizagem, se constituindo como uma estratégia capaz de auxiliar no desenvolvimento dos conteúdos de forma interdisciplinar, distribuídos em assuntos trabalhados por temas transversais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No intuito de utilizar a agroecologia, a partir de um diálogo teoria-prática, como instrumento de comunicação entre saberes, formação de atitudes, sensibilidade ambiental, responsabilidade, compromisso e solidariedade, a primeira etapa das aulas buscou-se ampliar os conhecimentos dos educandos sobre as questões presentes no modelo de agricultura convencional e introduzir um discurso de pertencimento e sensibilização ambiental tanto dos educadores quanto dos educandos sempre de forma bem lúdica, através da aplicação de jogos que incentivavam o consumo de frutas, verduras e legumes orgânicos fortalecendo a comercialização direta produtor/consumidor através dos locais que comercializam alimentos provenientes da agricultura familiar e cooperativas agroecológicas.

Juntamente com a aplicação dos jogos, também exibimos trechos de filmes, tais como “O Veneno está na mesa I e II” que relatam muito do que tratamos em sala de aula, como exemplos: como a chamada Revolução Verde prejudicou a agricultura tradicional; o papel das empresas farmacêuticas que também são produtoras de agrotóxicos; os impactos do agrotóxico na saúde das pessoas e dos animais e no meio ambiente de uma forma geral; o surgimento do agronegócio e sua utilização primária de forma economicista; explicação sobre os tipos de defensivos agrícolas e alimentos transgênicos; a quem eles afetam; as medidas alternativas ao agronegócio; e qual o nosso papel então na sociedade..

Ademais, também foram organizados debates e atividades em sala de aula e externas, como a visita ao IPN, na quais foram possíveis ampliar os significados epistemológico-políticos de agroecologia, a partir principalmente da categoria epistemológica-política de justiça ambiental.

Ao final desta etapa, e com isso, de uma percepção mais crítica e não dicotômica sociedade-natureza, os alunos elaboraram mapas de (in)justiça ambiental do território da escola. E, a partir disso, foram provocados a pensar ações mais sustentáveis, saudáveis e justas para o território em questão, articulando a agroecologia, a economia criativa e solidária e a justiça ambiental.

Atualmente, neste segundo momento, os alunos estão instrumentalizando os saberes absorvidos, a fim de ampliar seus saberes agroecológicos e sustentáveis para que os próprios possam, então, ser protagonistas na organização de , uma feira agroecológica na FDV. A partir de atividades tais como: escolha do local mais interessante para a realização da feira; oficina experimental na cozinha da escola utilizando Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs); aulas de aproximação com os produtores; aulas de economia criativa; aula de aproximação dos alunos com as economias locais; aulas no Excel para cálculo médio da renda da região; aulas de precificação; organização da feira agroecológica, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a construção e implementação do projeto aqui analisado está contribuindo para a formação tanto dos envolvidos no processo de criação do projeto (os alunos educadores), como nos educandos.

A Agroecologia traz à tona uma sensibilização que faz com que sejam reconhecidas as ações/manifestações que são inseridas em seu campo, sendo uma ferramenta de renovação política, produtiva, tecnológica, entre outros. Podendo ainda constituir-se como fonte de mudanças culturais. Por mais minoritárias que sejam essas ações e esses agentes no contexto do amplo movimento de contestação à agricultura convencional, a agroecologia surge para indicar uma outra direção, repensando a problemática do modelo economicista que rege a alimentação e dos aspectos das sociedades em termos ideológicos, transformando espaços sociais.

Dessa forma, o incentivo a disseminação deste conceito seja no âmbito acadêmico ou não, traz aos sujeitos inseridos no processo uma capacidade de percepção para lutar e afirmar seus direitos políticos e lutar pelo seu território. Além de unir diferentes categorias de grupos sociais, mobilizando-os no sentido da sua afirmação sociopolítica, sendo capaz de superar os impasses do atual padrão de desenvolvimento.

Nesse sentido, a fundamentação da Agroecologia dentro das instituições acadêmicas proporciona conhecimento dos processos envolvidos, desde o caminho do alimento até a

chegada na mesa, assim como sobre as questões sociais que cercam este processo. Dessa forma, “problematizar” a prática agroecológica e seu potencial transformador é o caminho para incentivar um movimento capaz de provocar mudanças profundas nas formas de produção existentes, sendo considerada não somente um movimento de mudanças alimentares, mas sim de mudanças sociais. Como também um caminho para (re)construir os laços entre sociedade/natureza e de justiça ambiental.

Acredita-se que a continuidade do projeto se torna latente para envolvermos cada vez mais alunos de diferentes fases de formação acadêmica no processo de (re)pensar modelos de produção/consumo, aproximando-os da terra (natureza), do alimento e da produção, dos produtores e de outros consumidores.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, Miguel A. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. *Revista Nera*, n. 16, p. 22-32, 2012.
- BRANDENBURG, Alfio. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. *Desenvolvimento e meio ambiente*, v. 6, 2002
- BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999: Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, v. 79, 1999.
- CAMPANHA PERMANENTE CONTRA OS AGROTÓXICOS E PELA VIDA. Disponível em: <http://contraosagrototoxicos.org/dados-sobre-agrotoxicos/>. Acesso em 03 de outubro de 2017.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: enfoque científico e estratégico. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*, v. 3, n. 2, p. 13-16, 2002.
- CARNEIRO, Fernando Ferreira; AUGUSTO, Lia Giraldo da Silva; RIGOTTO, Raquel Maria Rigotto; FRIEDRICH, Karen BÚRIGO, André Campos Búrigo (Orgs.) *Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015. 624 p.
- CARSON, Rachel. *Primavera Silenciosa*. Tradução de Raul de Polillo. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- DAROLT, Moacir R.; LAMINE, Claire; BRANDEMBURG, Alfio. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. *Revista Agriculturas*, v. 10, n. 2, p. 8-13, 2013.



FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* - 72ª ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GRZYBOWSKI, C. Esboço de uma alternativa para pensar a educação no meio rural. *Revista Contexto e Educação*. Ijuí, ano 01, n. 4, p. 47-59, Out/Dez, 1996.

LEFF, Enrique. *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.

LONDRES, Flavia. *Agrotóxicos no Brasil: um guia para ação em defesa da vida*. Rio de Janeiro: AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa, 2011. 190 p.

MIGNOLO, Walter. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. Tradução: Marco Oliveira. In: *RBCS* Vol. 32 n° 94 junho/2017.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 3ª ed - São Paulo: Contexto, 2018.

TENDLER, SÍLVIO. *O veneno está na mesa*. Rio de Janeiro-RJ, 2011. 49min.

TENDLER, SÍLVIO. *O veneno está na mesa II*. Rio de Janeiro-RJ, 2014. 70min

ZUCCHI, O. J. *Educação Ambiental e os Parâmetros Curriculares Nacionais: Um estudo de caso das concepções e práticas dos professores do ensino fundamental e médio em Toledo-Paraná*. Florianópolis, 2002. 139f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2002.